

CIÊNCIAS DA VIDA E COMPLEXIDADE: UM DIÁLOGO IMPORTANTE PARA A FORMAÇÃO EM SAÚDE/ENFERMAGEM

Ana Karinne de Moura Saraiva¹; João Bosco Filho² e Soraya Maria de Medeiros³

(INTRODUÇÃO) As ciências da vida, ao assumir o conhecimento científico em sua linearidade, fomentam um processo de formação em saúde/enfermagem que dificulta uma prática integral, uma vez que produz saberes e práticas fundamentados na fragmentação dos saberes, na racionalização do pensamento e na biologização das atitudes. Diante disso, os profissionais de saúde/enfermagem mostram, nitidamente, a partir de suas intervenções, a percepção do sujeito tão-somente como ser biológico, perdendo de vista sua relação consigo e com a sociedade. Encastelados no modelo redutor de produzir conhecimento, esses profissionais assumem o modelo clínico, dificultando a efetivação de uma prática integral capaz de visualizar a saúde de forma ampliada, conforme preconizam os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). Nesse contexto, torna-se urgente a formulação de estratégias reunificadoras, capazes de construir um olhar ampliado para a formação em saúde/enfermagem que reconheça a necessidade de educar para e na reflexão crítica transformadora, construindo instrumentos que possibilitem instaurar processos de ruptura nas diferentes formas de injustiça social. **(OBJETIVO)** O presente estudo teve como objetivo refletir sobre o processo de formação em saúde/enfermagem no contexto da sociedade moderna, a partir do diálogo com as Ciências da Complexidade. **(DESCRIÇÃO METODOLÓGICA)** Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, construída a partir do diálogo das ideias presentes nas pesquisas dos autores sobre a formação em saúde/enfermagem. Ancora-se no contexto das ciências da complexidade, proposta por Edgar Morin¹, para o qual a produção do conhecimento é um método *in vivo*. Para tanto, os autores partiram da compreensão do método como estratégia, tomando como referência a realidade paradoxal da atual formação em saúde. **(RESULTADOS)** A permanência de princípios flexnerianos, de uma medicina científica e de concepções de saúde/doença pautadas na teoria multicausal contribuem para que as práticas em saúde/enfermagem estejam alicerçadas em

¹Enfermeira, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte –UFRN. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. E-mail: anoka_20@hotmail.com

² Enfermeiro, Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte –UFRN. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

³Enfermeira, Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM: QUALIDADE, INOVAÇÃO E RESPONSABILIDADE



06 a 08 de agosto de 2014

Maceió - Alagoas

conceitos e ações fundadas em um pensamento disjuntivo e em uma razão rígida, controladora e arrogante, que encontra no biologicismo, individualismo e tecnicismo suas melhores estratégias de intervenção. Nesse cenário, se constrói um processo de formação em saúde/enfermagem centrado em um raciocínio lógico e empírico que unilateraliza o cérebro produzindo a causalidade simples, a objetividade, a ordem, o utilitarismo e o imediatismo, não reconhece, portanto, o movimento e a contradição. Tem um excessivo apego à precisão, ao quantitativo, ao mensurável. Olha para a totalidade e os fenômenos a partir de suas partes, dos números e da objetividade inerte. O conhecimento fica enclausurado em disciplinas e hierarquizado pela racionalização cuja finalidade é dar respostas ao mercado através da qualificação de uma mão de obra rentável. Na formação em saúde/enfermagem, em particular, se evidencia a dicotomia vida e morte, biológico e social, ciclo básico e ciclo profissionalizante, clínico e epidemiológico, individual e coletivo; a verdade das doenças nas alterações anatomopatológicas; a reprodução individualizada e mecânica de atos terapêuticos; e, uma crítica pragmática e tecnicista. Contudo, a construção de uma ciência aberta, de uma educação voltada para a emancipação do homem e uma política de saúde brasileira ancorada nos princípios do SUS, promoveram uma reviravolta no pensar e no fazer em saúde com desdobramentos significativos para o processo de formação em saúde/enfermagem desde o século XX. Essas mudanças anunciam a emergência de transformações paradigmáticas que trabalham com novos referenciais epistemológicos capazes de construir, nos profissionais, uma reforma do pensamento, como propõe Edgar Morin², bem como seja capaz de estabelecer o SUS como o horizonte para as intervenções em saúde/enfermagem. Para tanto, é preciso trazer para o espaço da formação novas reflexões sobre a vida e sobre o ser humano, que não podem mais ser compreendidos de modo isolado, estanques, reduzidos somente à dimensão biológica. Nesse contexto, não cabe mais o discurso de que é preciso separar o pessoal do profissional, uma vez que há implicação do sujeito no conhecimento. É preciso também que se tenha coragem de rever conceitos, de repensar programas e construir estratégias mais abertas, mais dialógicas, nas quais as diversas formas de saberes possam dialogar de modo mais respeitoso. Nesse sentido, concorda-se com Maria Cândida Moraes³, quando afirma que as mudanças precisam ser profundas e estruturais, envolvendo o ser, o conhecer, o fazer e o viver/conviver. Portanto, são transformações profundas de natureza paradigmática que estão sendo requeridas, não apenas no que se refere ao conhecimento e à aprendizagem, mas também em relação aos valores, hábitos, atitudes e estilos de vida. Desse ponto de vista, a perspectiva da integralidade em saúde torna-se um importante instrumento para que possamos pensar estratégias de religação no universo da saúde. Dessa forma, uma concepção complexa de integralidade acolhe a noção de híbrido, tão cara a Bruno Latour; atualiza a consciência de bricolagem e de uma ciência próxima da lógica do sensível, conforme Lévi-Strauss; e, compreende a relação indissociável entre autonomia e dependência do sujeito em relação ao mundo no qual está inserido. Uma concepção complexa de integralidade requer agora uma ética da atenção integral de um sujeito por inteiro – ao mesmo tempo físico e metafísico, singular e genérico. Diante desse novo contexto, os profissionais da saúde/enfermagem não devem estar preocupados apenas em curar corpos doentes, mas em enfrentar e intervir nos determinantes do processo saúde-doença a fim de contribuir com a diminuição das desigualdades e da exclusão social. **(CONCLUSÃO)**



EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM: QUALIDADE, INOVAÇÃO E RESPONSABILIDADE



06 a 08 de agosto de 2014

Maceió - Alagoas

Desse modo, o atual contexto planetário, em particular, a materialização do SUS exige um processo de formação em saúde/enfermagem que estimule o pensar bem articulado aos valores ético-morais que estão postos, desafiando o sujeito/profissional no seu papel na sociedade. Em outras palavras, propõe-se um processo de formação em saúde/enfermagem que não se reduza ao atendimento das demandas de mercado, mas aposte na construção de sujeitos imbuídos de um sentido ético-político capaz de contribuir com a consolidação do SUS e com a diminuição dos processos desiguais, desumanos e excludentes. **(IMPLICAÇÕES PARA A ENFERMAGEM)** Inserir no atual contexto de discussão do processo de formação em saúde/enfermagem referenciais das ciências da complexidade torna-se emergente e necessário para que possamos construir estratégias mais reunificadoras na perspectiva de produzir saberes e práticas mais totalizadores que contribuam principalmente, contra o desumano, a barbárie e a injustiça. **(REFERÊNCIAS)** ¹Morin E. Sociologia, a sociologia do micros social ao macroplanetário. Portugal: Euro-América; 1998. Capítulo 5, O método; p. 132-68. ²MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Jacobina E, tradutor. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2008. ³MORAES MC. Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação, novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Antakarana/Willis Harman House; 2008.

DESCRITORES: Enfermagem; Educação em Enfermagem e Complexidade.

Eixo II – Formação em Enfermagem e o cenário atual do trabalho em saúde nacional e internacionalmente: discrepância entre o desejo da competência profissional e a demanda do mercado de trabalho.